

DIANTE DO TÚMULO DE JAMES JOYCE*

por Osman Lins

Escritor

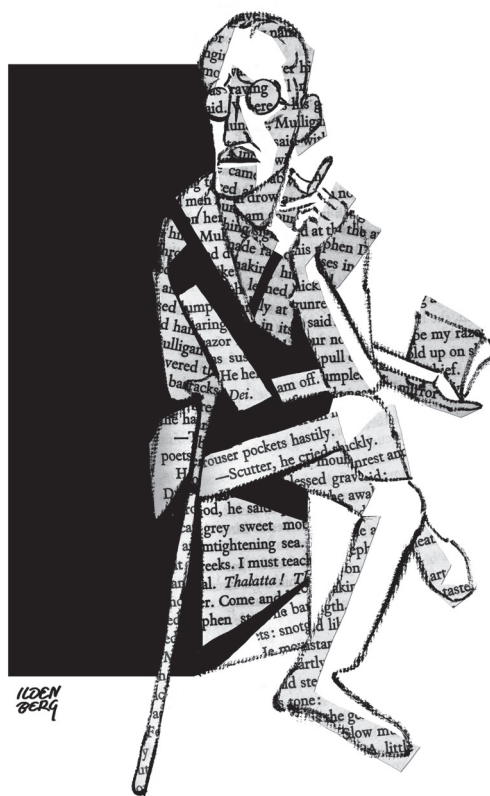
ERA O ÚLTIMO DIA DE SETEMBRO E CAÍA UMA chuva fina. Indiferentes a isso e ao céu de Zurique, pouco luminoso naquela manhã, moças faziam ginástica na praça de esportes, as coxas róseas emitindo uma espécie de fosforescência.

Deixei-as para trás e fui andando entre árvores. O chão cobria-se de folhas amarelas, mas ainda restavam muitas flores. James Joyce estava lá. Sentado, pernas cruzadas de um modo negligente – mas não sem elegância –, o cotovelo direito sobre a coxa, um livro aberto na mão; na outra mão, a esquerda, um

cigarro à altura da mandíbula; o rosto sério, atento, cáustico, ouvindo um interlocutor invisível, à direita. A bengala nodosa, como esquecida a seu lado, perdia-se num tufo espesso de folhas cor de cobre. Aí a Suíça guarda as cinzas do irlandês que escreveu o *Ulysses*; este é o seu monumento funerário.

Vizinho ao jardim zoológico, em Zurichberg, aonde chegam por vezes os bramidos dos leões, Allmed Fluntern não é um cemitério como os outros. O visitante inadvertido pode andar entre as suas aleias algum tempo antes de

* Texto extraído de *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros* (Summus Editorial, 1977), cuja segunda edição a Editora UFPE lança agora, em volume único, junto à segunda edição de *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros* (Summus Editorial, 1978).



perceber, em meio à vegetação aprazível, pedras meio ocultas e esculturas. Entre estas, a de Joyce. Conceção aparentemente banal, a de Milton Hebard: a figura do escritor em atitude descuidada. Mas tudo isso é tratado com finura suprema e, mesmo, uma espécie de malícia. Repete-se, na pedra, o mistério da palavra. O contemplador, ao mesmo tempo, aprecia a escultura e vê o modelo, o filho renegado de Dublin, o criador de Bloom e de Stephen Dedalus, olhando para alguma parte através dos seus óculos de pedra – mas tão transparentes!

Ao mesmo tempo, imagino: precisaria Joyce, para ser lembrado, de um túmulo? Não é a sua obra inscrição e monumento?

Sim. Se o seu pó for espalhado aos ventos, os seus livros não persistem? Sim. Mas e a nossa impotência? E a nossa indignência? Precisamos conservar as suas cinzas, para dizermos: “Por esse pó, um dia, transitou o verbo”. Quanto à escultura, menos que homenagem a James Joyce, será talvez homenagem nossa ao pó, sem o qual o espírito não fala. Sendo que, na transcrição em pedra da figura humana, o permanente e o efêmero de certo modo se enlaçam.

Afastei-me. Não se ouvia o urro dos leões. Caíam as folhas. As jovens corriam, ágeis, na atmosfera cor de níquel.

(abril de 1977)